

OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE EM ARTICULAÇÃO COM OS VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO AMBIENTAL

Ana Carolina Poleze Messias¹
Ruth Reis²

RESUMO

O estudo traz uma reflexão sobre as noções de objetividade e subjetividade utilizadas no jornalismo e como são articuladas com os valores-notícia. Entendemos a objetividade e a subjetividade como simultâneas, sem possuírem uma ligação dicotômica, como são usualmente interpretadas. Também entendemos que intercedem nessa relação os valores-notícias do jornalista para a produção de um texto objetivo, mas questionamos se no jornalismo há possibilidade de manifestações subjetivas. Para isso, utilizamos o jornalismo ambiental, especialmente da forma em que é realizado na plataforma Sumaúma, como exemplo. Concluimos que o jornalismo ambiental possui seus próprios critérios de noticiabilidade, permite uma narrativa mais subjetiva e propõe um comportamento ativista e engajado.

Palavras-chave: Objetividade, Subjetividade, Valores-notícia, Jornalismo Ambiental.

INTRODUÇÃO

O jornalismo ambiental surge como uma derivação do jornalismo científico. Há cerca de 30 anos, no Brasil, antes da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992 – Conferência Rio 92 passou a ser visto como uma dimensão diferente do jornalismo científico, onde as questões ambientais eram predominantemente tratadas. “Jornalismo ambiental”, “ecojornalismo” e “jornalismo ecológico” foram termos que surgiram a partir da década de 90, quando passou a ser mais amplamente discutido no jornalismo brasileiro (Loose e Belmonte, 2023).

Nessa mesma época, começaram as discussões sobre um jornalismo ambiental como forma de denúncia e soluções, ligado ao ativismo, fazendo com que hoje tenhamos o entendimento de um jornalismo ambiental exigente de um profissionalismo engajado (Belmonte, 2017), que precisa atuar em uma espécie de mobilização social para gerar ação, com influência do ativismo ecológico. Por conta disso, os estudos em jornalismo ambiental dão conta de que esse jornalismo não se confunde com o jornalismo tradicional, que faz apelo à objetividade jornalística como forma de simular neutralidade e imparcialidade. Loose e

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); integrante no Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/UFES), ana.messias@edu.ufes.br;

² Orientadora, professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); coordenadora Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/UFES), ruth.reis@ufes.br.

Belmonte (2018), afirmam que o tipo de jornalismo considerado imparcial gera produções jornalísticas enraizadas no pensamento neoliberal, que naturalizam a destruição da biodiversidade em nome da defesa do crescimento econômico a qualquer custo. O jornalismo ambiental, como definido por Belmonte, preza a subjetividade para produzir abordagens ativistas em defesa do meio ambiente sem descuidar dos valores notícia. (Loose e Belmonte, 2018).

DESENVOLVIMENTO

O jornalismo ambiental também possui seus critérios de noticiabilidade e recorrer à subjetividade não o torna menos jornalístico. Para Henriques (2018, p.257), a objetividade é mal interpretada no campo do jornalismo. Ele afirma que “apesar de ser uma noção-chave (...) a objetividade jornalística ainda é um conceito pouco discutido pelos jornalistas e até mesmo pelos estudantes da área”. Para destravar esse conceito, começamos entendendo que a objetividade e a subjetividade não são antagônicas e, sim, acontecem de forma simultânea.

Ao analisar as notícias numa perspectiva narratológica, Motta (2013) descreve o texto noticioso como “enxugado de qualquer manifestação subjetiva”, com a intenção de “produzir o efeito de realidade, a veracidade (p.96)”. É como também define Traquina (2004) ao defender que a objetividade é útil para traçar os métodos que o jornalista deve seguir, visando agilidade e rapidez, uma forma de estruturar a informação numa sequência apropriada.

Ao realizar a provocação “deixar de ser sujeito para tornar-ser jornalista?”, Bôas (2023, pág.29) defende que a objetividade funciona como um modo de regulação de subjetividades possíveis. O jornalismo, por ser uma atividade cotidiana, participa da constituição das subjetividades dos indivíduos, se constituindo, também, como afeto, indicando a disposição de um em relação ao outro (Bôas, 2023). Essa ideia também é defendida por Henriques (2018) quanto afirma “não se trata de negar as ideias de sujeito e objeto, mas sim de reconhecer que elas são apenas derivadas, são tardias e não primárias e imediatas” (Henriques, 2018, p. 266).

O jornalismo expressa a realidade, mas uma realidade seletiva, construída pelos processos de interação do jornalista com as fontes, outros jornalistas e a sociedade (Traquina, 2004), portanto, uma realidade construída a partir dos processos de subjetivação dos indivíduos. Nesta perspectiva, Henriques (2018, p.267) explica que tanto a objetividade (fato) e a subjetividade (perspectiva) são “ontologicamente uma mesma realidade que se dá num único e mesmo ato”, ou seja, são simultâneas.

Dessa forma, como parte da realidade, a subjetividade não é um processo meramente interno, pois é formada por um ambiente objetivamente histórico (Moraes, 2019). A autora fala de um “jornalismo de subjetividade”, que busca questionar o pensar e o fazer jornalístico tradicional. Um desses questionamentos mostra que o jornalismo pode se aproximar de uma prática ativista, como acontece no jornalismo ambiental, entendendo o ativismo não mais como uma abordagem “contaminada” em relação ao jornalismo feito cotidianamente, até mesmo porque o jornalismo objetivo é também um jornalismo “contaminado” por uma lógica econômica e política (Moraes, 2019, pág.207).

A partir dessas reflexões, uma das interpretações que dialogam com a noção de objetividade que trazemos no estudo é que “não é a negação da subjetividade, mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade” (Traquina, 2004, p.139). O termo comunidade interpretativa tem como base os autores Dell Hymes (1980) e Barbie Zelizer (1993) e é utilizado pelo autor para fazer uma reflexão a respeito dos valores-notícias e a decisão dos jornalistas de noticiar um fato com base nestes critérios de noticiabilidade.

Segundo Traquina (2005), noticiabilidade é um conjunto de critérios para que um fato mereça um tratamento jornalístico, ou seja, ter valor como notícia, o que faz com que as notícias sigam um padrão e sejam, de certa forma, previsíveis, pois o conceito de noticiabilidade é partilhado pelos profissionais de jornalismo. Uma das referências para os estudos de jornalismo ambiental no Brasil, Belmonte (2020, p.64), faz a seguinte reflexão: “o jornalista, a partir de sua subjetividade (ponto de vista) busca a verdade factual em acontecimentos previamente selecionados por juízos de valor (critérios de noticiabilidade, valores-notícia)”.

O jornalismo ambiental também adota critérios de noticiabilidade. Tomamos como exemplo um dos critérios estabelecidos por Traquina (2005), a proximidade. No jornalismo ambiental, Loose e Moraes (2018) chamam atenção para as mudanças climáticas e como são abordadas na grande mídia: quando existem eventos internacionais de caráter político e econômico; para divulgação de relatórios científicos; ou quando acontece algum desastre ambiental.

Esses fatores, ainda que sejam importantes, “não são capazes de aproximar a discussão com o cotidiano da maioria da população” por conta da “falta de contextualização e a pouca atenção dada” (Loose e Moraes, 2018, p.120). Um dos desafios do jornalismo ambiental é demonstrar essa proximidade aos leitores, que podemos tratar aqui como valor-notícia, dos temas relacionados ao meio ambiente. Por isso, as autoras defendem que é importante que o

jornalista tenha conhecimento sobre o tema e trabalhe com estratégias que aproximem os temas ao cotidiano das pessoas.

O jornalismo ambiental tem seus próprios critérios, como aponta Girardi, Loose e Steigleder (2021. p.155), assim como o jornalismo defende os direitos humanos e cidadania “o jornalismo ambiental inclui em seus propósitos o cuidado com a vida, em todas as suas formas”. Nesse sentido, Motta (2013) mostra que a subjetividade no jornalismo também pode ser apresentada de forma declarada no chamado *soft news*, no qual os repórteres têm a liberdade de usar uma linguagem quase literária ou ficcional, podendo fugir da linguagem objetivada do *hard news*, as notícias do dia a dia.

No caso da reportagem no contexto de *soft news*, o narrador “ganha liberdade para imaginar, criar e sugerir no texto efeitos estéticos de sentido” (Motta, 2013, p.95), mas sem perder os critérios de noticiabilidade que norteiam o fazer jornalístico. Essa é uma alternativa no jornalismo ambiental, a exemplo da plataforma de jornalismo independente Sumaúma, que realiza um trabalho de imprensa ativista em relação aos direitos da natureza, especialmente da Amazônia.

O projeto foi criado pelos jornalistas Eliane Brum, Jonathan Watts, Verônica Goyzueta, Talita Bedinelli e Carla Jiménez. Com sede em Altamira, no Médio Xingu, no estado do Pará, região norte do Brasil, a plataforma Sumaúma traz reportagens que mostram o estilo de vida e os conflitos juntos à biodiversidade do território, numa proposta de defesa dos “direitos da floresta” (Brum et al, 2022), a partir de elementos do jornalismo literário.

Sumaúma traz reportagens que apontam a emergência ambiental enfrentada pela Amazônia, reafirmando um posicionamento político em defesa dos territórios, utilizando recursos do jornalismo literário para a produção das reportagens, “é aliada daqueles que defendem os enclaves da natureza, defendem os centros de produção de futuros” (Brum et al, 2022). É um exemplo de jornalismo ambiental exercido com base nos entendimentos de subjetividade e valores-notícia trazidos neste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Podemos identificar um ponto de encontro no jornalismo ambiental dentro do campo do jornalismo reunindo subjetividade e os valores-notícia, Autores como Henriques (2017), Moraes (2019) e Bôas (2023) ajudam a entender o processo de coexistência entre a objetividade e a subjetividade. Quando são relacionadas com os critérios de noticiabilidade

(Traquina, 2004) e com o jornalismo ambiental, é possível compreender como a dinâmica de objetividade-subjetividade acontece dentro da narrativa jornalística para essa especialidade.

REFERÊNCIAS

BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 6, n. 2, 2017.

BELMONTE, Roberto Villar. **O Jornalismo Ambiental: Três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso**. 2020.

BÔAS, Valéria Maria Vilas. Subjetividade / Objetividade. O jornal do sujeito ou o sujeito do jornal?. In: LEAL, Bruno S.; TASSIS, Nicoli; MANA, Nuno (Orgs.). **Para desentender o jornalismo**. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2023. p. 25-36.

BRUM, et al. **SUMAÚMA – jornalismo do centro do mundo**. Sumaúma, Pará. 1º de setembro de 2022. Disponível em: <https://sumauma.com/quem-somos/>

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas. **O esforço de alfabetização ecológica do campo jornalístico. Trajetórias de pesquisa em comunicação: temas, heurísticas, objetos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 268 pp 151-166, 2021.

HENRIQUES, Rafael Paes. **O problema da objetividade jornalística: duas perspectivas**. Griot: revista de filosofia, v. 17, n. 1, p. 256-268, 2018.

LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar. **O ativismo no jornalismo ambiental: como quatro momentos-chave ajudaram a configurar uma prática engajada no Brasil**. Brazilian journalism research, v. 19, n. 3, p. e1594-e1594, 2023.5.

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Claudia Herte de. **Mudanças do clima (e de pauta!)**. Em: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Editora Metamorfose, 2018.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**. Revista Extraprensa, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística—uma comunidade interpretativa transnacional (Volume II)**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são (Volume I)**. Florianópolis: Editora Insular, 2004.